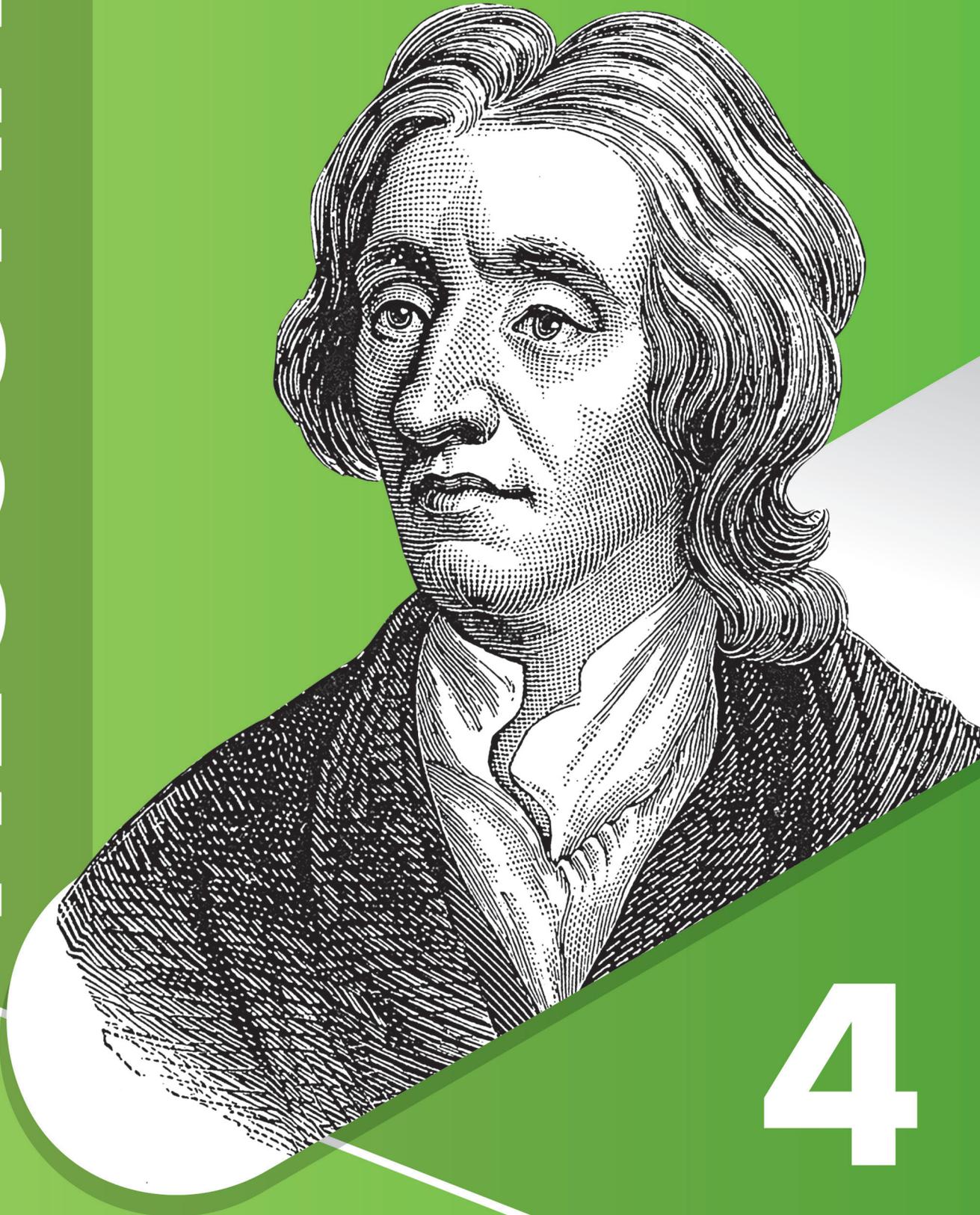


FILOSOFIA



4



SISTEMA
DE ENSINO



FILOSOFIA

Volume 4 - 1ª Edição

Goiânia
AP360° EDUCACIONAL
2015

SUMÁRIO

GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGEL	7
DIALÉTICA HEGELIANA	10
PREFÁCIO DA FENONEMOLOGIA DO ESPÍRITO	11
FRIEDRICH WILHELM NIETZSCHE	12
ESPÍRITO APOLÍNEO E DIONISÍACO	12
OS FORTES ASPIRAM A SEPARAR-SE E OS FRACOS A UNIR-SE	14
ESCOLA DE FRANKFURT: A GERAÇÃO CRÍTICA	16
PRIMEIRA GERAÇÃO (THEODOR ADORNO E MAX HORKHEIMER).....	16
SEGUNDA GERAÇÃO CRÍTICA (JURGEN HABERMAS)	18
O EXISTENCIALISMO	19
MICHEL FOULCAULT	21
MICROFÍSICA DO PODER	23
O PODER DO DISCURSO	23
EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO	24
GABARITO	26

GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGEL



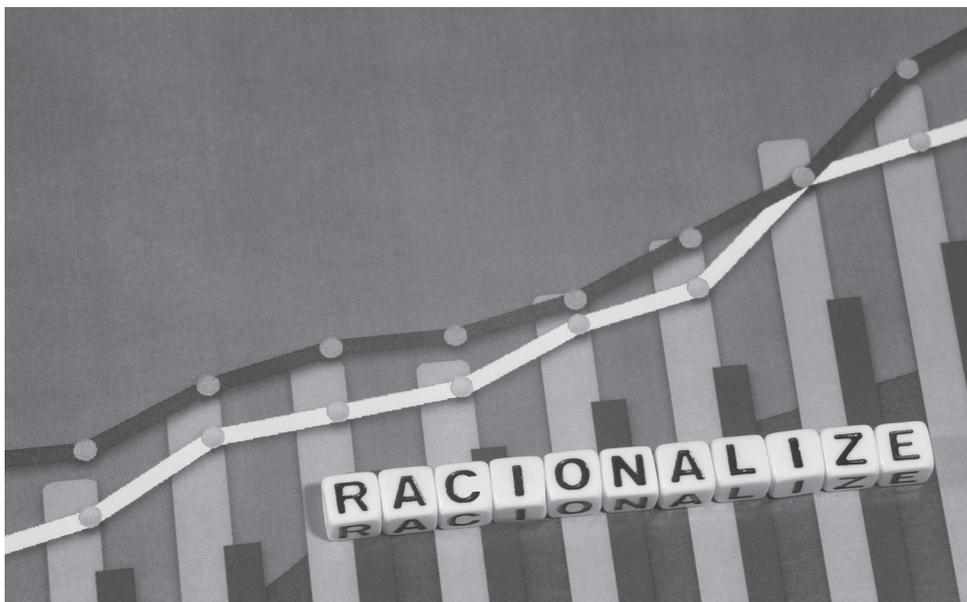
Georg Wilhelm Friedrich Hegel
(Nascido em agosto de 1770, Stuttgart- Alemanha. Faleceu em 14 de novembro de 1831 em Berlim)

Formou-se em teologia e filosofia no seminário da Igreja Luterana, chegando a exercer pastorado até 1793. Em seguida, lecionou na Universidade de Jena, até migrar para Berlim, devido às Guerras Napoleônicas, onde assumiu a reitoria da Universidade de Berlim.

Suas principais obras foram: Fenomenologia do Espírito (1806), Ciência Lógica (1812) e Enciclopédia de Ciências Filosóficas (1817).

O sistema hegeliano refletiu o contexto histórico vivenciado pela Europa encantada com o desenvolvimento industrial e a nova face capitalismo tecnológico. Essas características foram um resultado de um processo que teve o seu início no Movimento Iluminista no século XVIII. O movimento iluminista introduziu a ideia da razão emancipatória e instrumental.

FORA DO ESTADO SÓ EXISTE O CAOS



Estado violência (Titãs)

Sinto no meu corpo
A dor que angustia
A lei ao meu redor
A lei que eu não queria

Estado violência
Estado hipocrisia
A lei que não é minha
A lei que eu não queria

Meu corpo não é meu
Meu coração é teu
Atrás de portas frias
O homem está só

Homem em silêncio
Homem na prisão
Homem no escuro
O Futuro da nação

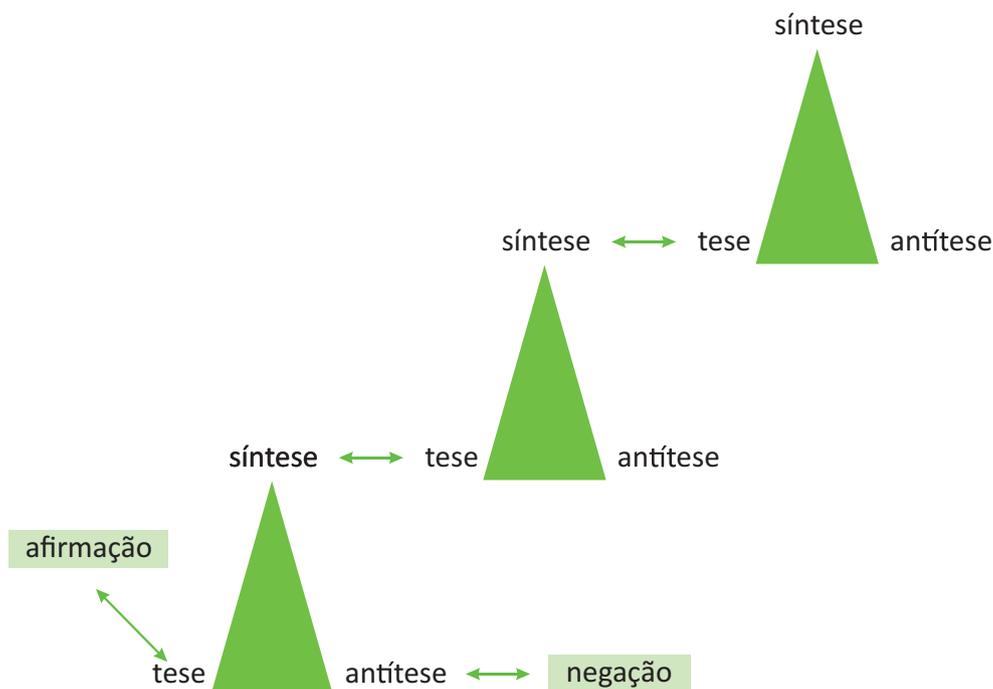
Homem em silêncio
Homem na prisão
Homem no escuro
O Futuro da nação

Estado violência
Deixem-me querer
Estado violência
Deixem-me pensar
Estado violência
Deixem-me sentir
Estado violência
Deixem-me em paz

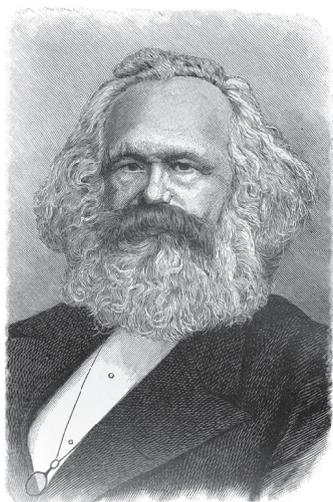
Estado violência
Deixem-me querer
Estado violência
Deixem-me pensar
Estado violência
Deixem-me sentir
Estado violência
Deixem-me em paz

Estado violência
Deixem-me querer
Estado violência
Deixem-me pensar
Estado violência
Deixem-me sentir
Estado violência
Deixem-me em paz

DIALÉTICA HEGELIANA



A dialética (princípio da contradição) foi formulada e sistematizada por Hegel que recuperou esse termo da filosofia heraclitiana. Heráclito aplicava esse termo à *physis*, Hegel o constata no desenvolvimento da história, tomando o termo como expressão da história do mundo e suas constantes mudanças. Cada momento, desde as antigas civilizações até as sociedades modernas, é representado por uma tese, antecedida de uma antítese – duas ideias claramente opostas – as quais seriam superadas pela síntese.



Karl Marx

X



Georg Wilhelm Friedrich Hegel

Karl Marx fez uso dessa terminologia, aplicando-a a um contexto econômico. O sistema marxista desponta no contexto da Segunda Revolução Industrial, ou seja, no projeto de expansão capitalista. A doutrina marxista, que desconstruiu o idealismo hegeliano, constituiu-se como uma crítica radical à estrutura do modo de produção capitalista. Nesse sentido, as ideias de Marx não só desmontaram as teses do hegelianismo, como também representaram um assombro para setores mais conservadores do mundo burguês. O próprio Marx diria: “Um fantasma assombra a Europa. É o fantasma do comunismo”. Marx desenvolve o **Materialismo Dialético**, pois considerava o modelo hegeliano muito idealista. O método dialético, em Marx e Engels, analisa os conflitos entre as classes sociais.

TEXTO COMPLEMENTAR

PREFÁCIO DA FENONEMOLOGIA DO ESPÍRITO

Numa obra filosófica, em razão de sua natureza, parece não só supérfluo, mas até inadequado e contraproducente, um prefácio — esse esclarecimento preliminar do autor sobre o fim que se propõe, as circunstâncias de sua obra, as relações que julga encontrar com as anteriores e atuais sobre o mesmo tema. Com efeito, não se pode considerar válido, em relação ao modo como deve ser exposta a verdade filosófica, o que num prefácio seria conveniente dizer sobre a filosofia; por exemplo, fazer um esboço histórico da tendência e do ponto de vista, do conteúdo geral e resultado da obra, um agregado de afirmações e asserções sobre o que é o verdadeiro.

Além do que, por residir a filosofia essencialmente no elemento da universalidade — que em si inclui o particular —, isso suscita nela, mais que em outras ciências, a aparência de que é no fim e nos resultados últimos que se expressa a Coisa mesma, e inclusive sua essência consumada; frente a qual o desenvolvimento [da exposição] seria, propriamente falando, o inessencial.

Quando, por exemplo, a anatomia é entendida como “o conhecimento das partes do corpo, segundo sua existência inanimada”, há consenso de que não se está ainda de posse da Coisa mesma, do conteúdo de tal ciência; é preciso, além disso, passar à consideração do particular. Mais ainda: nesse conglomerado de conhecimentos, que leva o nome de ciência sem merecê-lo, fala-se habitualmente sobre o fim e generalidades semelhantes do mesmo modo histórico e não conceitual como se fala do próprio conteúdo; nervos, músculos etc. Na filosofia, ao contrário, ressaltaria a inadequação de utilizar tal procedimento, quando ela mesma o declara incapaz de apreender o verdadeiro.



Shutterstock.com

Do mesmo modo, a determinação das relações que uma obra filosófica julga ter com outras sobre o mesmo objeto introduz um interesse estranho e obscurece o que importa ao conhecimento da verdade. Com a mesma rigidez com que a opinião comum se prende à oposição entre o verdadeiro e o falso, costuma também cobrar, ante um sistema filosófico dado, uma atitude de aprovação ou de rejeição. Acha que qualquer esclarecimento a respeito do sistema só pode ser uma ou outra. Não concebe a diversidade dos sistemas filosóficos como desenvolvimento progressivo da verdade, mas só vê na diversidade a contradição.

O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser-aí da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si. Porém, ao mesmo tempo, sua natureza fluida faz delas momentos da unidade orgânica, na qual, longe de se contradizerem, todos são igualmente necessários. E essa igual necessidade que constitui unicamente a vida do todo. Mas a contradição de um sistema filosófico não costuma conceber-se desse modo; além disso, a consciência que apreende essa contradição não sabe geralmente libertá-la — ou mantê-la livre — de sua unilateralidade; nem sabe reconhecer no que aparece sob a forma de luta e contradição contra si mesmo, momentos mutuamente necessários.

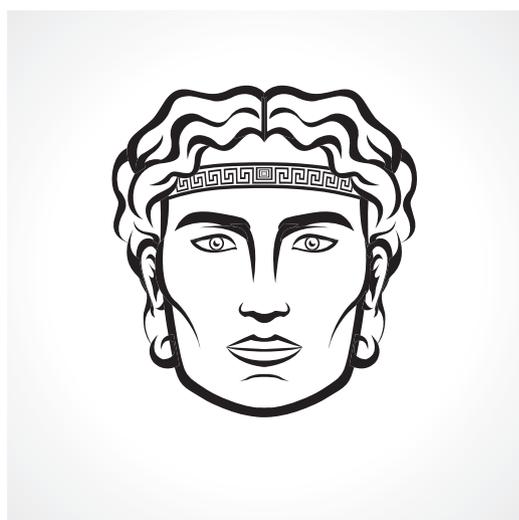
FRIEDRICH WILHELM NIETZSCHE



Friedrich Nietzsche
(outubro de 1844 a 25 de agosto de 1900)

Se a filosofia, até então, pautava-se em um intenso racionalismo, desde Sócrates até o grande sistema filosófico hegeliano, com Friedrich Nietzsche marca-se uma nova aurora filosófica, aurora que causou uma profunda ruptura na cultura Ocidental, em decorrência de sua crítica à racionalidade.

A filosofia nietzschiana desponta no horizonte, fazendo uma crítica corrosiva e desconstruindo a nossa história, desbançando o historicismo e restabelecendo a ideia do **Eterno Retorno** como processo cíclico presente no bojo da própria existência humana.



Apolo

X



Dionísio

ESPÍRITO APOLÍNEO E DIONISÍACO

Fundamentando-se na filosofia de Arthur Schopenhauer, embora o **niilismo** em Nietzsche não possa ser entendido na mesma perspectiva de Schopenhauer, no livro *Origem da Tragédia*, Nietzsche introduziu os espíritos de **Apolo** e **Dionísio**, por meio dos quais analisou a cultura europeia. Ademais, essas duas figuras são imprescindíveis para a compreensão de sua obra.



O **niilismo** se faz pleno aqui, na negação radical do mundo, dos seus valores. Dessa forma, entidades superiores já não são muito necessárias, pois o homem passa a ser o próprio guia, se desprendendo cada vez mais do materialismo que este mundo traz (o fatalismo). E é esse o desprendimento que vemos, por exemplo, no Budismo.

Apolo é o deus das artes plásticas, representante da serenidade, da medida e da racionalidade presentes na Grécia Clássica. O perfil deste deus estabelece uma profunda relação com as filosofias de Sócrates e Platão, daí a contestação que Nietzsche faz a esses dois pensadores. A figura de Apolo simboliza a harmonia, a ordem, a serenidade e o conhecimento racional socrático. O conhecimento racional apresenta-se acima da arte e da vida, trazendo consigo os elementos de causa e efeito. Dionísio, de música agitada, é o oposto de Apolo, pois representa a libertação dos impulsos selvagens existentes em cada um. A moral dionisíaca é a verdadeira encarnação da realidade que se manifesta através do estético, do passional, daquilo que mais se aproxima do **humano demasiado humano**.



A essência dionisíaca no ser humano se manifesta através da **vontade de potência**. Toda contradição e a essência do ser humano vem à tona com o espírito dionisíaco, que apresenta a face nua e crua desse ser. Assim, Dionísio vem para **transvalorar todos os valores** e mostrar a farsa que é o espírito apolíneo em nossas vidas, pois somos seres extremamente dionisíacos em nossa essência.

Nietzsche afirmou na sua obra mais expressiva, “Assim falou Zaratustra”, que Zaratustra tinha amado o homem, mas foi recolher-se na floresta porque havia se decepcionado com o ser humano. Porém, Zaratustra volta na história amando o **übermensch**, o super-homem. Segundo Nietzsche, o homem deve visar sua superioridade, buscando a melhor forma de se aperfeiçoar para o alcance do que o filósofo chamou de **super-homem**, e buscando a humanidade (coletivo) de lado. Aliás, o filósofo alemão defendia que o conceito de humanidade não existia na realidade, o que concerne ao fato de seu trabalho partir do particular, e não do coletivo.



TEXTO COMPLEMENTAR

OS FORTES ASPIRAM A SEPARAR-SE E OS FRACOS A UNIR-SE

O crescimento da comunidade frutifica no indivíduo um interesse novo que o aparta da sua pena pessoal, da sua aversão à sua própria pessoa. Todos os doentes aspiram instintivamente a organizar-se em rebanhos, o sacerdote ascético adivinha este instinto e alenta-os onde quer que haja rebanhos, o instinto de fraqueza forma-os, a habilidade do sacerdote organiza-os. Não nos enganemos: os fortes aspiram a separar-se e os fracos a unir-se; se os primeiros se reúnem, é para uma acção agressiva comum, que repugna muito à consciência de cada qual; pelo contrário, os últimos unem-se pelo prazer que acham em unir-se; porque isto satisfaz o seu instinto, assim como irrita o instinto dos fortes. Toda a oligarquia envolve o desejo da tirania; treme continuamente por causa do esforço que cada um dos indivíduos tem que fazer para dominar este desejo.

(Friedrich Nietzsche, in 'Genealogia da Moral')

Numa perambulação pelas muitas morais, as mais finas e as mais grosseiras, que até agora dominaram e continuam dominando na terra, encontrei certos traços que regularmente retornam juntos e ligados entre si: até que finalmente se revelaram dois tipos básicos, e uma diferença fundamental sobressaiu. Há uma *moral dos senhores* e uma *moral de escravos*; acrescento de imediato que em todas as culturas superiores e mais misturadas aparecem também tentativas de mediação entre as duas morais, e, com ainda maior frequência, confusão das mesmas e incompreensão mútua, por vezes inclusive dura coexistência até mesmo num homem, no interior de *uma só alma*.

As diferenciações morais de valor se originaram ou dentro de uma espécie dominante, que se tornou agradavelmente cônica da sua diferença em relação à dominada, ou entre os dominados, os escravos e dependentes de qualquer grau. No primeiro caso, quando os dominantes determinam o conceito de “bom”, são os estados de alma

elevados e orgulhosos que são considerados distintivos e determinantes da hierarquia. O homem nobre afasta de si os seres nos quais se exprime o contrário desses estados de elevação e orgulho: ele os despreza. Note-se que, nessa primeira espécie de moral, a oposição “bom” e “ruim” significa tanto quanto “nobre” e “desprezível”; a oposição “bom” e “mau” tem outra origem.

Despreza-se o covarde, o medroso, o mesquinho, o que pensa na estreita utilidade; assim como o desconfiado, com seu olhar obstruído, o que rebaixa a si mesmo, a espécie canina de homem, que se deixa maltratar, o adulator que mendiga, e, sobretudo, o mentiroso — é crença básica de todos os aristocratas que o povo comum é mentiroso. “Nós, verdadeiros” — assim se denominavam os nobres da Grécia antiga.

É óbvio que as designações morais de valor, em toda parte, foram aplicadas primeiro a *homens*, e somente depois, de forma derivada, a *ações*: por isso é um grande equívoco, quando historiadores da moral partem de questões como “por que foi louvada a ação compassiva?”. O homem de espécie nobre se sente como aquele que determina valores, ele não tem necessidade de ser abonado, ele julga: “o que me é prejudicial é prejudicial em si”, sabe-se como o único que empresta honra às coisas, que *cria valores*. Tudo o que conhece de si, ele honra: uma semelhante moral é glorificação de si.

Em primeiro plano está a sensação de plenitude, de poder que quer elevada, a consciência de uma riqueza que gostaria de ceder e presentear — também o homem nobre ajuda o infeliz, mas não ou quase não por compaixão, antes por um ímpeto gerado pela abundância de poder.

O homem nobre honra em *si* o poderoso, e o que tem poder sobre si mesmo, que entende de falar e calar, que com prazer exerce rigor e dureza consigo e venera tudo que seja rigoroso e duro.

(...) É diferente com o segundo tipo de moral, a *moral dos escravos*. Supondo que os violentados, oprimidos, prisioneiros, sofrendores, inseguros e cansados de si moralizem: o que terão em comum suas valorações morais? Provavelmente uma suspeita pessimista face a toda a situação do homem achará expressão, talvez uma condenação do homem e da sua situação. O olhar do escravo não é favorável às virtudes do poderoso: é cético e desconfiado, tem *finura* na desconfiança frente a tudo “bom” que é honrado por ele gostaria de convencer-se de que nele a própria felicidade não é genuína.

Inversamente, as propriedades que servem para aliviar a existência dos que sofrem são postas em relevo e inundadas de luz: a compaixão, a mão solícita e afável, o coração cálido, a paciência, a diligência, a humildade, a amabilidade recebem todas as honras — pois são as propriedades mais úteis no caso, e praticamente todos os únicos meios de suportar a pressão da existência.

A moral dos escravos é essencialmente uma moral de utilidade. Aqui está o foco de origem da famosa oposição “bom” e “mau” — no que é mau se sente poder e periculosidade, uma certa terribilidade, sutileza e força que não permite o desprezo. Logo segundo a moral dos escravos o “mau” inspira medo; segundo a moral dos senhores e precisamente o “bom” que desperta e quer despertar medo, enquanto o homem “ruim” é sentido como desprezível. A opressão chega ao auge quando, de modo consequente à moral dos escravos, um leve aro de menosprezo envolve também o “bom” dessa moral — ele pode ser ligeiro e benévolo porque em todo caso o bom tem de ser, no modo de pensar escravo, um *homem inofensivo*: é de boa índole, fácil de enganar, talvez um pouco estúpido, ou seja, *un bonhomme* [um bom homem]. Onde quer que a moral dos escravos se torne preponderante, a linguagem tende a aproximar as palavras “bom” e “estúpido”. Uma última diferença básica: o anseio de *liberdade*, o instinto para a felicidade e as sutilezas do sentimento de liberdade pertencem tão necessariamente à moral e moralidade escrava quanto a arte e entusiasmo da veneração, da dedicação, sintoma regular do modo aristocrático de pensamento e valoração.

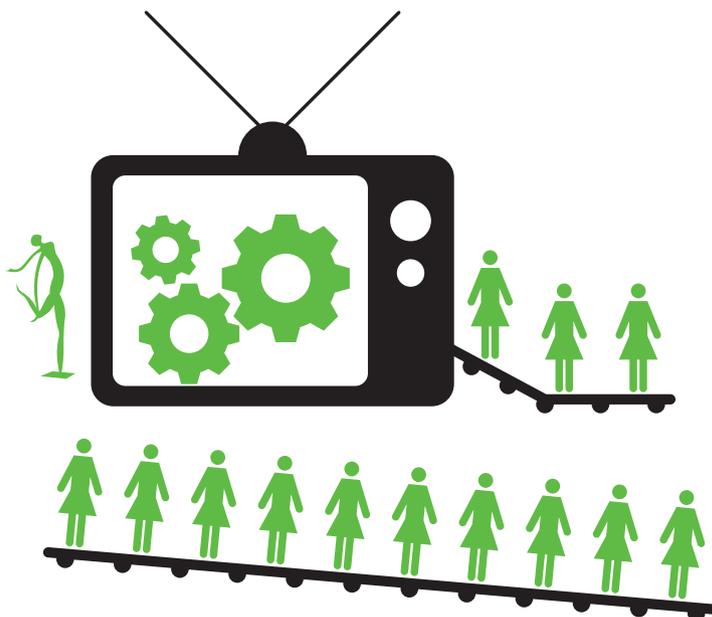
(NIETZSCHE, Friedrich. Além do bem e do mal)

ESCOLA DE FRANKFURT: A GERAÇÃO CRÍTICA

Constituída principalmente por judeus na época do Nazismo, o contexto histórico não foi muito favorável à Escola de Frankfurt (formada na Universidade de Frankfurt, Alemanha), cuja principal obra é a “Teoria Crítica”. Em decorrência da grande perseguição sofrida pelo regime nazista, esta Escola (corrente?) só foi se institucionalizar após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando se transferiu para Genebra (Suíça), Paris (França) e Estados Unidos.

PRIMEIRA GERAÇÃO (THEODOR ADORNO E MAX HORKHEIMER)

INDÚSTRIA CULTURAL



A ARTE PELA ARTE SE CONVERTE EM ARTE PELO LUCRO

A Europa do século XX presenciou o declínio da época das luzes e o desencantamento do mundo. Pairava nesse contexto, uma desconfiança em relação ao progresso. Estabelecia-se aí uma crítica voraz ao **projeto iluminista** do século XVIII. Estava caindo por terra a vertente kantiana de que a **razão instrumental era emancipatória**. A primeira geração, composta por intelectuais alemães de esquerda, tais como Adorno e Horkheimer, possui uma abordagem materialista marxista multidisciplinar.

As guerras mundiais, os totalitarismos e a ideologia **american way of life** conduziam o mundo na direção da irracionalidade e do retorno do obscurantismo manifestos nos campos de concentração e na prática sistemática da eugenia.



A ARTE NO SISTEMA CAPITALISTA INDUSTRIAL CONSTITUI UM DOS PRINCIPAIS TEMAS DISCUTIDOS PELA PRIMEIRA GERAÇÃO CRÍTICA.

No capítulo O iluminismo como manifestação das massas, do ensaio “Dialética do Esclarecimento”, é que se introduziu a ideia da indústria cultural. O que se fala aqui, é da perda da visão crítica sobre as obras artísticas no meio do capitalismo vivido no século XX. A arte, tanto popular quanto erudita, acabou sendo corrompida pelo comercialismo, banalizando-se como objeto de mercadoria, subordinada à regra de oferta e procura. O público, sem nenhuma visão intelectual sob a nova arte, aprecia apenas aquilo que já é conhecido, aquilo que é de fácil reprodução. Dessa forma, a arte perde sua principal função: questionar os padrões que a sociedade leva.



No entanto, ao considerarmos o contexto histórico (nazismo) fica evidente que não havia, por parte de quem liderava, o desejo de que as pessoas fossem seres pensantes. Dessa forma, não questionariam, apenas concordariam com o regime instaurado. Aliás, a nova indústria era extremamente favorável ao nazismo, criando figuras benéficas de seus líderes e omitindo os problemas sociais da época. Televisão, rádio, jornal e revista eram alguns dos meios que impediam a quebra de paradigmas na época.

DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO



Também chamada de Dialética do Iluminismo, esse processo demonstrava a crise da democracia graças aos regimes totalitários presentes em toda a Europa. As injustiças sociais e o desenvolvimento bélico são alguns dos fatores, que surgem da chamada “crise da razão”, oriundos da produção desenfreada do modelo capitalista.

O iluminismo, acompanhado da razão, expressa a conquista da maioria, ou seja, a libertação social, o homem pensando autonomamente, destruindo mitos – tornando-se ele, o homem, o novo mito. Porém, é nesse progresso científico e técnico, de domínio da natureza, que ele passa a dominar o próprio homem, gerando uma crise social. Dessa forma, faz uso da ‘des-razão’, pois não pensa mais no outro, resultando em algo equivalente a um robô ao fazer uso desenfreado da técnica da sociedade de consumo.

Adorno e Horkheimer não renegam os acontecimentos do iluminismo, no entanto mostram que tal revolução terminou sendo instrumento de dominação política, social e econômica.

A pressa, o nervosismo e a instabilidade observados desde o surgimento das grandes cidades alastram-se nos dias de hoje de uma forma tão epidêmica quanto outrora foram a peste e o cólera. Neste processo, se manifestam forças das quais os passantes apressados do século XIX não eram capazes de fazer a menor ideia. Todas as pessoas têm, necessariamente, algum projeto. O tempo de lazer exige que se o esgote. Ele é planejado, utilizado para que se empreenda alguma coisa, preenchido com vistas a toda espécie de espetáculo ou, ainda, apenas com locomoções tão rápidas quanto possível. A sombra de tudo isto cai sobre o trabalho intelectual. Este é realizado com má consciência, como se tivesse sido roubado a alguma ocupação urgente, ainda que meramente imaginária. Afim de se justificar perante a si mesmo, ele se dá ares de uma agitação febril, de um grande afã, de uma empresa que opera a todo vapor devido à urgência do tempo e para a qual toda a reflexão – isto é, ele mesmo – é um estorvo. Com frequência, tudo se passa como se os intelectuais reservassem para a sua própria produção precisamente apenas aquelas horas que sobram das suas obrigações, saídas, compromissos e divertimentos inevitáveis.

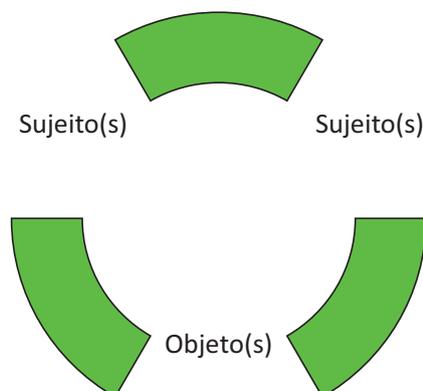
(Theodor Adorno)

SEGUNDA GERAÇÃO CRÍTICA (JURGEN HABERMAS)



360b / Shutterstock.com

TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA



Aqui, a razão instrumental é tida como insuficiente, pois não pode ser considerada o único tipo de racionalização social. Por não haver uma verdade única, questões centrais não devem ser discutidas no âmbito técnico, e sim no âmbito político e prático, devendo ainda passar pelos mecanismos de comunicação, os quais devem conter a interação de, no mínimo, dois sujeitos, capazes de falar e agir.

A racionalidade instrumental traz consigo um caráter empírico, o qual marca a autocompreensão da era Moderna, fazendo, portanto, uso particular da racionalização. No entanto, como diz Habermas, a racionalidade do sistema não deve ser confundida com a racionalidade da ação. Como já dito, há uma interação interpessoal que rege a dominação do mundo, não sendo essa dominação de caráter apenas prático.



(...) eu pretendo arguir que uma mudança de paradigma para o da teoria da comunicação tornará possível um retorno à tarefa que foi interrompida com a crítica da razão instrumental; e isto nos permitirá retomar as tarefas, desde então negligenciadas, de uma teoria crítica da sociedade. Não é a relação de um sujeito solitário com algo no mundo objetivo que pode ser representado e manipulado mas a relação intersubjetiva, que sujeitos que falam e atuam, assumem quando buscam o entendimento entre si, sobre algo. Ao fazer isto, os atores comunicativos movem-se por meio de uma linguagem natural, valendo-se de interpretações culturalmente transmitidas e referem-se a algo simultaneamente em um mundo objetivo, em seu mundo social comum e em seu próprio mundo subjetivo (1984, p. 392).

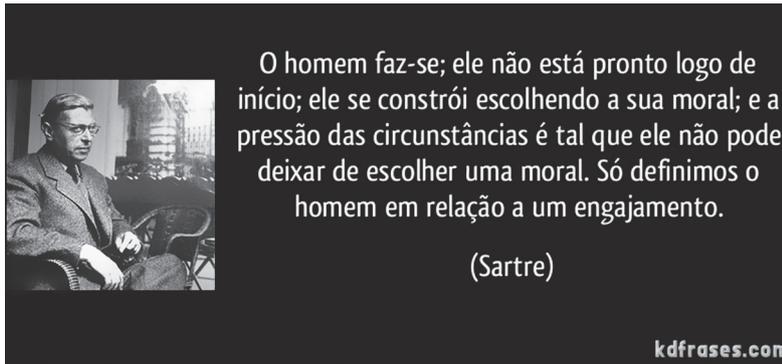
O EXISTENCIALISMO



Simone De Beauvoir (1908 – 1986) e Jean Paul Sartre (1905 – 1980)

“ O importante não é o que fizeram do homem, mas o que ele faz do que fizeram dele”

A temática existencialista nos faz voltar no tempo para compreender a dimensão da **liberdade humana** e como essa liberdade estava associada a Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Os dois viveram um projeto de cumplicidade que marcou suas vidas e a história da filosofia. Viveram, na prática, o que efetivamente pensavam.



Sartre é autor de uma das mais importantes produções intelectuais do século XX, influenciando toda uma geração e uma cultura. Defendeu o **engajamento** político como mecanismo de resistência e da construção da liberdade. Todavia, não se pode pensar essa liberdade numa dimensão capitalista ou de maneira individualista, mas a liberdade construída a partir da **lucidez da existência**.

O seu existencialismo além de ser um humanismo, era também um ateísmo visto que defendia a ideia de que o ser humano se constrói e, construindo-se, estaria construindo a própria existência através das escolhas que faz: **“a existência precede a essência”**. O ser humano é um **dasein**, ou seja, um ser lançado no mundo que se projeta como um ser de possibilidade.

Beauvoir deu também uma enorme contribuição para o existencialismo. Na sua obra **“O Segundo Sexo”** defendeu o feminismo, tornando-se uma das mais expressivas lideranças desse movimento dentro da Europa. A consciência da liberdade fez Beauvoir trilhar um caminho não convencional para os padrões da sociedade da época.

Os homens. É preciso amar os homens. Os homens são admiráveis. Sinto vontade de vomitar – e de repente aqui está ela: a Náusea. Então é isso a Náusea: essa evidência ofuscante? Existo – o mundo existe e sei que o mundo existe. Isso é tudo. Mas tanto faz para mim. É estranho que tudo me seja tão indiferente: isso me assusta. Gostaria tanto de me abandonar, de deixar de ter consciência de minha existência, de dormir. Mas não posso, sufoco: a existência penetra em mim por todos os lados, pelos olhos, pelo nariz, pela boca... E subitamente, de repente, o véu se rasga: compreendi, vi. A Náusea não me abandonou, e não creio que me abandone tão cedo; mas já não estou submetido a ela, já não se trata de uma doença, nem de um acesso passageiro: a Náusea sou eu. (REFERÊNCIA)

TEXTO COMPLEMENTAR

LIBERDADE E FACTICIDADE: A SITUAÇÃO

O argumento decisivo empregado pelo senso comum contra a liberdade consiste em lembrar-nos de nossa impotência. Longe de podermos modificar nossa situação ao nosso bel-prazer, parece que não podemos modificar-nos a nós mesmos. Não sou “livre” nem para escapar ao destino de minha classe, minha nação, minha família, nem sequer para construir meu poderio ou minha riqueza, nem para do minar meus apetites mais insignificantes ou meus hábitos. Nasço operário, francês, sífilítico hereditário ou tuberculoso. A história de uma vida, qualquer que seja, é a história de um fracasso. O coeficiente de adversidade das coisas é de tal ordem que anos de paciência são necessários para obter o mais ínfimo resultado. E ainda é preciso “obedecer à natureza para comandá-la”, ou seja, inserir minha ação nas malhas do determinismo. Bem mais do que parece “fazer-se”, o homem parece “ser feito” pelo clima e a terra, a raça e a classe, a língua, a história da coletividade da qual participa, a hereditariedade, as circunstâncias individuais de sua infância, os hábitos adquiridos, os grandes e pequenos acontecimentos de sua vida.

Este argumento nunca perturbou profundamente os adeptos da liberdade humana: Descartes, o primeiro deles, reconhecia ao mesmo tempo que a vontade é infinita e que é preciso “dominar mais a nós mesmos do que a sorte”.

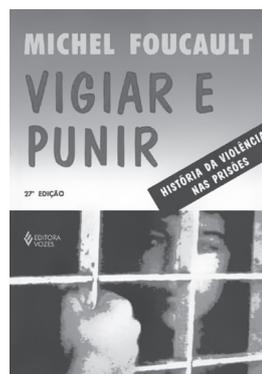
Pois convém fazer aqui certas distinções: muitos dos fatos enunciados pelos deterministas não podem ser levados em consideração. O coeficiente de adversidade das coisas, em particular, não pode constituir um argumento contra nossa liberdade, porque é por nós, ou seja, pelo posicionamento prévio de um fim, que surge o coeficiente de adversidade. Determinado rochedo, que demonstra profunda resistência se pretendo removê-lo, será, ao contrário, preciosa ajuda se quero escalá-lo para contemplar a paisagem. Em si mesmo – se for sequer possível imaginar o que ele é em si mesmo –, o rochedo é neutro, ou seja, espera ser iluminado por um fim de modo a se manifestar como adversário ou auxiliar. Também só pode manifestar-se dessa ou daquela maneira no interior de um complexo utensílio já estabelecido. Sem picaretas e ganchos, veredas já traçadas, técnica de escalagem, o rochedo não seria nem fácil nem difícil de escalar; a questão não seria colocada, e o rochedo não manteria relação de espécie alguma com a técnica do alpinismo. Assim, ainda que as coisas em bruto (que Heidegger denomina “existentes em bruto”) possam desde a origem limitar nossa liberdade de ação, é nossa liberdade mesmo que deve constituir previamente a moldura, a técnica e os fins em relação aos quais as coisas irão manifestar-se como limites. Mesmo se o rochedo revela-se como “muito difícil de escalar” e temos de desistir da escalada, observemos que ele só se revela desse modo por ter sido originariamente captado como “escalável”; portanto, é nossa liberdade que constitui os limites que irá encontrar depois. (O Ser e Nada)

MICHEL FOUCAULT



Michel Foucault
(Poitiers, França, outubro de 1926)

Fez em suas obras uma análise do poder e do conhecimento como formas de controle das instituições sociais.



Vigiar e Punir
Uma de suas obras mais consagradas, o livro aborda a mudança do sistema punitivo a partir do fim da monarquia.

Em uma época, na qual a execução era a principal pena e era realizada de forma extremamente violenta fisicamente, os suplícios do réu representavam a vingança do Rei sobre seus súditos, uma vez que este era a própria lei, sendo os crimes cometidos considerados um embate à figura monárquica. A execução, que lembrava uma encenação teatral, iniciava com um sujeito confessando seu crime em voz alta, para que todos pudessem temer as consequências da desobediência à lei.

A população poderia se comover com a pena proferida ao condenado, tanto se ele demonstrasse humildade no decorrer de sua condenação, mostrando-se arrependido, quanto se ele sofresse mais do que sua pena previa. Nestes casos, a população poderia se revoltar com o Rei, podendo o réu ser salvo e perdoado.



É devido a essa instabilidade que o sistema penal era pouco eficiente, tornando sua aplicação cada vez menos frequente. Há que se considerar também o desenfreado desenvolvimento do comércio industrial do início do século XIX, que inviabilizou esse modo de punição e o tornou cada vez mais impossível, por desenvolver a consciência de não ser necessário “se rebaixar ao nível do condenado” com castigos tão bárbaros.

Essa é a origem do pensamento atual sobre a utilidade do condenado para a sociedade, além de se auto sustentar, por meio do trabalho, essa medida funciona como uma espécie de propaganda que vai para além do criminoso, atingindo o chamado “cidadão de bem”, pois todos trabalham! Todos obedecem ao Estado de forma digna!



MICROFÍSICA DO PODER



À propaganda estatal, citada anteriormente, Foucault associará uma espécie de Big Brother, pois todos são vigiados através de presídios cada vez mais claustrofóbicos e câmeras de segurança instaladas em todos os locais públicos, além do atual controle através da Internet, com o advento da geração Y.

O Estado e sua mão/poder invisível, onisciente, dita a disciplina para controlar como nos tempos de absolutismo. Uma falsa impressão de liberdade nos é dada, além da “correção” repassada como ação benevolente omitem uma Instituição extremamente intolerante a condutas que fogem daquelas impostas por ele.

TEXTO COMPLEMENTAR

O PODER DO DISCURSO

Por mais que aparentemente o discurso seja pouco importante, as interdições que o atingem logo e depressa revelam a sua ligação com o desejo e com o poder. E o que há de surpreendente nisso, já que o discurso — como a psicanálise nos demonstrou — não é simplesmente o que manifesta (ou oculta) o desejo; é também o que é o objecto do desejo; e já que — a história não cessa de nos indicar — o discurso não é simplesmente o que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, aquilo pelo que se luta, o poder do qual procuramos apoderar-nos.

Michel Foucault, in 'A Ordem do Discurso'

F EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01| Texto I

“A indústria cultural vende Cultura. Para vendê-la, deve seduzir e agradar o consumidor. Para seduzi-lo e agradá-lo, não pode chocá-lo, provocá-lo, fazê-lo pensar, fazê-lo ter informações novas que perturbem, mas deve devolver-lhe, com nova aparência, o que ele sabe, já viu, já fez. A ‘mídia’ é o senso-comum cristalizado que a indústria cultural devolve com cara de coisa nova [...]. Dessa maneira, um conjunto de programas e publicações que poderiam ter verdadeiro significado cultural tornam-se o contrário da Cultura e de sua democratização, pois se dirigem a um público transformado em massa inculta, infantil, desinformada e passiva”.

(CHAUI, Marilena. Filosofia. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000. p. 330-333.)

Texto II

O ser em si (...) como qualquer objeto existente no mundo e que possui uma essência definida. Uma caneta, por exemplo, é um objeto criado para suprir uma necessidade: a escrita. Os objetos do mundo apresentam-se à consciência humana através das suas manifestações físicas. O ser para si (...) consciência humana é um tipo diferente de ser, por possuir conhecimento a seu próprio respeito e a respeito do mundo.

A partir dos textos é correto inferir que

- A a indústria cultural é um mecanismo para fazer os indivíduos a pensarem
- B o sistema da indústria cultural é a representação da democratização da informação
- C a consciência da existência não é próprio dos seres para si
- D o ser em si não corresponde aos seres que não tem consciência da sua existência
- E a massa ao qual o texto I se refere tem uma semelhança com o ser em si do texto II

02| A teleologia será explicitada tanto na análise da totalidade do universo, quanto nos diversos processos e desenvolvimentos que o constituem, através do método dialético, em que as tendências contrárias (tese e antítese) se entrecrocaram resultando em uma síntese, por definição mais perfeita e completa que as anteriores.

A expressão “teleologia” na filosofia hegeliana significa

- A Fim da história como processos que se contradizem
- B Fim da história da humanidade
- C Fim da filosofia
- D Fim da ideologia
- E Fim do Estado

03| (...) propõe um grande sistema filosófico em que o mundo, como Espírito, se encontraria em um processo histórico contínuo de racionalidade e perfeição cada vez maiores. A teleologia será explicitada tanto na análise da totalidade do universo, quanto nos diversos processos e desenvolvimentos que o constituem, através do método dialético, em que as tendências contrárias (tese e antítese) se entrecrocaram resultando em uma síntese, por definição mais perfeita e completa que as anteriores.

O texto acima se refere às teorias de

- A Immanuel Kant
- B Friedrich Hegel
- C Arthur Schopenhauer
- D Friedrich Schelling
- E Friedrich Nietzsche

04| Segundo Jean Paul Sartre, filósofo existencialista contemporâneo, liberdade é

- I. escolha incondicional que o próprio homem faz de seu ser e de seu mundo.
- II. aceitar o que a existência determina como caminho para a vida do homem.
- III. sempre uma decisão livre, por mais que se julgue estar sob o poder de forças externas.
- IV. estarmos condenados a ela, pois é a liberdade que define a humanidade dos humanos.

Assinale

- A se apenas I e IV estiverem corretas.
- B se apenas II e III estiverem corretas.
- C se apenas I, II e IV estiverem corretas.
- D se apenas III e IV estiverem corretas.
- E se apenas I, III e IV estiverem corretas.

05| O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser-aí da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si [...].

HEGEL, G.W.F. Fenomenologia do Espírito. Petrópolis: Vozes, 1988.

Com base em seus conhecimentos e na leitura do texto acima, assinale a alternativa correta segundo a filosofia de Hegel.

- A A essência do real é a contradição sem interrupção ou o choque permanente dos contrários.
- B As contradições são momentos da unidade orgânica na qual todos são igualmente necessários.
- C O universo social é o dos conflitos e das guerras sem fim, não havendo, por isso, a possibilidade de uma vida ética.
- D Hegel combateu a concepção cristã da história ao destituí-la de qualquer finalidade benevolente.
- E Hegel combateu a economia capitalista e o processo da mais valia

06| Leia atentamente o poema, intitulado Eu, etiqueta, de autoria de Carlos Drummond de Andrade:

Meu blusão traz lembrete de bebida
que jamais pus na boca, nesta vida.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
minha gravata e cinto e escova e pente,
meu copo, minha xícara,
minha toalha de banho e sabonete,
meu isso, meu aquilo,
desde a cabeça ao bico dos sapatos,
são mensagens,
letras falantes,
gritos visuais,
ordens de uso, abuso, reincidência,
costume, hábito, premência,
indispensabilidade,
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,
escravo da matéria anunciada.
Não sou – vê lá – anúncio contratado.

Assinale a alternativa incorreta:

- A O poema faz referência direta ao conceito de cultura de massa, que segundo Adorno é uma forma de controle da consciência pelo emprego de meios como o cinema, o rádio ou a imprensa.
- B De acordo com a Escola de Frankfurt o surgimento da cultura de massa, em meados do século passado, deveu-se em grande parte ao desenvolvimento do projeto iluminista que desencadeou uma crise ética e epistemológica dando origem por fim a já referida cultura de massa.
- C A Revolução Industrial não foi apenas um conjunto de inovações técnicas, mas uma forma de dominação e controle do tempo do trabalhador, essa dominação se dá por meio da disciplina e da indústria cultural.
- D O produto da indústria cultural não pode ser considerado arte em sentido estrito, já que ela tende a padronização, a ausência de conteúdo, e o apelo ao mercado.
- E A cultura de massa tem o papel de difundir por meio do mercado as culturas regionais, contribuindo para a emancipação do homem

07| “Tudo indica que o termo ‘indústria cultural’ foi empregado pela primeira vez no livro Dialética do esclarecimento, que Horkheimer [1895-1973] e eu [Adorno, 1903-1969] publicamos em 1947, em Amsterdã. (...) Em todos os seus ramos fazem se, mais ou menos segundo um plano, produtos adaptados ao consumo das massas e que em grande medida determinam esse consumo”.

(ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.). Theodor W. Adorno. São Paulo: Ática, 1986. p. 92.)

Com base no texto acima e na concepção de indústria cultural expressa por Adorno e Horkheimer, é correto afirmar:

- A Os produtos da indústria cultural caracterizam-se por ser a expressão espontânea das massas.
- B Os produtos da indústria cultural afastam o indivíduo da rotina do trabalho alienante realizado em seu cotidiano.
- C A quantidade, a diversidade e a facilidade de acesso aos produtos da indústria cultural contribuem para a formação de indivíduos críticos, capazes de julgar com autonomia.
- D A indústria cultural visa à promoção das mais diferentes manifestações culturais, preservando as características originais de cada uma delas.
- E A indústria cultural banaliza a arte ao transformar as obras artísticas em produtos voltados para o consumo das massas.

08|



(QUINO. Mafalda. São Paulo, n. 9, p. 2, 2002.)

Com base nos quadrinhos e nos conhecimentos sobre os meios de comunicação de massa (MCM), assinale a alternativa que explicita algumas posições do debate teórico sobre esse tema.

- A** As reflexões da personagem Mafalda sobre as propagandas levam-na a concluir que sua mãe precisa adquirir os produtos, que as crianças podem assistir TV e brincar, dosando suas tarefas diárias, o que revela a pertinência das teorias que vêem os MCM como mecanismos de integração social.
- B** A personagem Mafalda obedece às ordens de sua mãe, assiste à TV e encanta-se com as promessas das propagandas, corroborando com as teorias pessimistas sobre o papel dos MCM e a passividade dos telespectadores.
- C** A atitude da personagem Mafalda demonstra a crítica aos artifícios da propaganda que ressalta a magia da mercadoria, prometendo mais do que ela realmente pode oferecer, e que os sujeitos nem sempre são passivos diante dos MCM.
- D** Ao sair para brincar após assistir à TV, a personagem Mafalda sente-se mais livre e feliz, pois descobriu o quanto alguns produtos anunciados pelas propagandas melhoram a vida doméstica de sua mãe, reproduzindo aspectos da cultura erudita e do modo de vida sofisticado, como acreditam as teorias “otimistas” sobre os MCM.

- E** A mãe da personagem Mafalda admira-se da inteligência da filha, que compreendeu muito bem os poderes dos objetos anunciados nas propagandas de TV, reforçando as teorias sobre o papel educativo e de emancipação dos MCM.

- 09** “A indústria cultural vende Cultura. Para vendê-la, deve seduzir e agradar o consumidor. Para seduzi-lo e agradá-lo, não pode chocá-lo, provocá-lo, fazê-lo pensar, fazê-lo ter informações novas que perturbem, mas deve devolver-lhe, com nova aparência, o que ele sabe, já viu, já fez. A ‘mídia’ é o senso-comum cristalizado que a indústria cultural devolve com cara de coisa nova [...]. Dessa maneira, um conjunto de programas e publicações que poderiam ter verdadeiro significado cultural tornam-se o contrário da Cultura e de sua democratização, pois se dirigem a um público transformado em massa inculta, infantil, desinformada e passiva”.

(CHAUÍ, Marilena. Filosofia. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000. p. 330-333.)

O ser em si não tem consciência da existência (...) como qualquer objeto existente no mundo e que possui uma essência definida. Uma caneta, por exemplo, é um objeto criado para suprir uma necessidade: a escrita. Os objetos do mundo apresentam-se à consciência humana através das suas manifestações físicas. O ser para si tem consciência da própria existência (...) consciência humana é um tipo diferente de ser, por possuir conhecimento a seu próprio respeito e a respeito do mundo.

A partir dos textos é correto inferir que

- A** a indústria cultural é um mecanismo para fazer os indivíduos a pensarem
 - B** o sistema da indústria cultural é a representação da democratização da informação
 - C** o ser em si é corresponde aos seres que não tem consciência da sua existência
 - D** a massa ao qual o texto se refere não tem uma semelhança com o ser em si do texto
 - E** a mídia é a representação da informação que assegura a liberdade individual e a criticidade
- 10** Friedrich Nietzsche é apontado como o filósofo que fez a transição da modernidade para a crise da modernidade. Por isso a proposta da nova moral que, segundo Nietzsche seria a moral dos senhores. Essa moral é
- A** a moral apolínea
 - B** a moral religiosa
 - C** a moral jurídica
 - D** a moral racional
 - E** a moral dionisíaca

A360°